

MARIA MADALENA anda ligada ao chamado rosto feminino de Deus «Tiveram de passar quase dois milénios para que a Igreja Católica começasse a repensar o papel desta mulher». Salma Ferraz



A Assunção de Madalena. José Antolínez (séc. XVII). Museu do Prado.

Maria Madalena, a mulher que amou Jesus

MARIA MADALENA ANDA LIGADA AO CHAMADO ROSTO FEMININO DE DEUS.

Para SALMA FERRAZ, “tiveram de passar quase dois milénios para que a Igreja Católica começasse a repensar o papel desta mulher”.

Maria Madalena, a “mulher que amou Jesus”, está ligada ao chamado rosto feminino de Deus. Para Salma Ferraz, pós-doutorada em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais, Madalena vai muito para além das “mulheres complexas e com biografias sensacionais” do Antigo Testamento, já que estas “não influenciaram a História do Cristianismo” tanto quanto esta mulher de Magdala. Entretanto, “tiveram de passar quase dois milénios para que a Igreja Católica começasse a repensar o papel desta mulher”, lamenta.

Nesta entrevista concedida por e-mail à *IHU On-Line*, Salma analisa a relação entre a mística de Madalena e os relatos literários sobre esta mulher, que “se deixou seduzir pelo olhar de um Galileu que mudou a história do Ocidente”. Mas esclarece: “não há aqui nenhuma inferência sexual”. Em síntese, a mística medeia o “abismo entre fé e razão”. E a literatura reproduz “a experiência dessa mediação”.

Salma também se interroga por que razão “à Igreja nascente, nunca interessou uma figura de mulher importante dentro da sua hierarquia”. “Veja o absurdo”, afirma ela: “O homem já chegou à lua, e a Igreja Católica, e muitas igrejas protestantes, ainda negam o sacerdócio às mulheres”.

Entrevista

IHU On-Line – “Prostituta”, “discípula amada”, “apóstola dos apóstolos”, “esposa de Jesus”, “esposa de João o discípulo amado”: afinal, quem foi, em sua opinião, a Maria Madalena histórica?

Salma Ferraz – Poderíamos dizer que Madalena foi tudo isso e muito mais. Alcinhada de prostituta, devido a um célebre erro de um sermão que misturou num só, os rostos de diferentes mulheres referidas no evangelho: este erro de exegese ocorreu no sermão proferido na Páscoa do ano 591, pelo Papa Gregório Magno que, além de adjetivar a pecadora do capítulo sétimo de Lucas como prostituta, a confundiu com Madalena, cuja libertação e conversão são narradas logo a seguir, no capítulo oitavo de Lucas. Na realidade, o Papa Gregório declarou que Maria Madalena, a mulher pecadora, e Maria de Betânia eram uma só pessoa. Daqui nasceu a ideia de que Madalena tivesse sido uma prostituta.

Discípula amada, foi-o realmente: afinal, seguia Jesus com os seus bens e com o seu coração, e esteve junto à cruz no momento final. Apóstola dos apóstolos também pode, perfeitamente, ser chamada, já que foi a primeira a proclamar que Jesus havia ressuscitado.

Quanto à Madalena histórica podemos basear-nos numa plataforma mínima: os Evangelhos canónicos e o Evangelho de Maria Madalena, texto tardio do século III, em forma de fragmentos. Os narradores dos evangelhos sinópticos relatam episódios da vida de Madalena, dão testemunho da sua existência, mesmo com certa má vontade, pois frisam sempre o facto de dela terem sido expulsos demónios. Pelos vestígios deixados nesses textos, podemos afirmar que Madalena existiu realmente.

Por que podemos falar de Maria Madalena como uma “mística”, possuindo nós tão poucos elementos bíblicos (ao menos nos evangelhos canónicos) sobre essa mulher de Magdala? Em que consistiria a “mística” de Maria Madalena?

– Talvez esta mística esteja relacionada com o chamado rosto feminino de Deus. As mulheres que o Cristianismo foi buscar à Bíblia são um pouco problemáticas. É claro que, no Antigo Testamento, encontramos mulheres complexas e com biografias sensacionais, mas essas pouco ou nada contaram na história do cristianismo. O que contou e que entrou para a história cristã foram figuras como Eva, a pecadora, e Maria, mãe de Jesus, que concebeu sem ter amado. É do Evangelho de Maria Madalena, encontrado em 1896 e só publicado em 1955, que é retirada a noção de uma discípula que teria recebido ensinamentos secretos de Jesus, e a quem caberia, em exclusivo, revelar aquilo que os discípulos não entendiam. A juntar a isto, há lendas que dão conta de que, após a morte de Jesus, Madalena se teria retirado e vivido em contemplação.

Em linhas gerais, de que forma foi Maria Madalena retratada na literatura mundial? Como se deu esse trânsito da Bíblia para a literatura?

– As funções de discípula e apóstola, funções primordiais de Madalena, foram ofuscadas pela fusão e confusão em torno de sua tríplice face, criando-se uma espécie de contínuo poético: a suposta pecadora que ungiu os pés de Jesus, foi identificada com a mulher quase apedrejada por adultério, e com a mesma que esteve aos pés da cruz, e que preparou unguentos para a unção do corpo de Jesus no sepulcro. Tudo isto passou a fazer parte da denominada tradição madalénica, confirmada pela pintura e pelos filmes da vida de Cristo. Bernardino de Sena, num sermão em latim, escrito e pregado na Idade Média, aponta os tópicos madalénicos da designada *Magna peccatrix*: busca do prazer, beijos/luxúria, penteado/vaidade, olhar lascivo, caminhar suspeito, tentação, beleza do corpo, abundância de bens/riqueza e muita liberdade. As pinturas da Idade Média e do Renascimento mantêm a tradição madalénica, ao retratá-la com longos cabelos, na maioria das vezes, loiros ou ruivos, vaso de perfume e manto vermelho. Na Idade Média, Madalena torna-se, com base nestes tópicos, padroeira dos perfumistas, dos cabeleireiros, dos fabricantes de luvas e leques e das meretrizes arrependidas. Ou seja, Madalena apresenta-se como uma personagem monumental para a pintura, a ficção e a música. Marguerite Yourcenar, no seu livro **Maria Madalena ou a Salvação**, publicado em Paris, em 1936, e no livro intitulado **Fogos**, e Saramago no seu **Evangelho Segundo Jesus Cristo**, souberam explorar, de forma especial, todas as possibilidades desta personagem.

Na obra de José Saramago, autor que pesquisou com interesse, como é narrada a figura de Maria Madalena? Em que é que a literatura de Saramago aprofunda ou se desvia dos Evangelhos, ao falar de Madalena?

– Em Saramago, Madalena é a verdadeira discípula de Jesus, intervém no Sagrado, ao não permitir que Jesus ressuscite Lázaro, pois, afinal, “ninguém na vida teve tantos pecados que mereça morrer duas vezes”. Jesus, diante deste laivo de sabedoria, não realiza o milagre e retira-se para chorar. E Madalena, mesmo amando Jesus, não o deixa desistir da cruz. Garante a Jesus: “terias de ser mulher para saberes o que significa viver com o desprezo de Deus...”, ou seja, reivindica um papel para a mulher, e reconhece que o Deus do Antigo Testamento é

o Papa institui a festa de Maria Madalena



Esta festa já existia no Missal Romano como obrigatória, mas, agora, Francisco torna-a mais solene, ao elevá-la ao mesmo nível das festas celebradas em honra dos apóstolos, para destacar a importância da primeira testemunha da ressurreição, e o papel da mulher na evangelização. A data da celebração continuará a ser o dia 22 de julho.

A reportagem é de **ANDREA TORNIELLI** e é publicada por *Vatican Insider*, 10-06-2016.

POR VONTADE DO PAPA FRANCISCO, a Congregação para o Culto elevou à categoria de festa, a memória de Santa Maria Madalena, através de um decreto assinado pelo cardeal Robert Sarah. O documento tem a data de 03 de junho, solenidade do Sagrado Coração de Jesus. O secretário do dicastério, o arcebispo Arthur Roche que também assinou o decreto, explica que esta decisão **“se inscreve no atual contexto eclesial, que exige uma reflexão maior e mais profunda sobre a dignidade da mulher, a nova evangelização, e a grandeza do mistério da misericórdia divina”**.

João Paulo II, recordou Roche, dedicou “uma grande atenção, não apenas à importância das mulheres na própria missão de Cristo e da Igreja, mas também, e com uma insistência especial, à peculiar função de Maria Madalena, como a primeira testemunha que viu o Ressuscitado, e a primeira mensageira que anunciou aos apóstolos a ressurreição do Senhor. Esta importância mantém-se, hoje em dia, na Igreja (uma manifestação disso mesmo, é o atual compromisso de uma nova evangelização), que pretende acolher, sem nenhuma distinção, homens e mulheres de qualquer raça, povo, língua ou nação, para anunciar a sua boa nova do Evangelho”. Santa Maria Madalena é apresentada como um exemplo de **“verdadeira e autêntica evangelização”, que anuncia “a alegre mensagem central da Páscoa”**.

O Papa tomou esta decisão durante o Jubileu da Misericórdia, explicou mons. Roche, para sublinhar **“a relevância desta mulher que demonstrou um grande amor a Cristo, e que foi tão amada por Cristo”**. Maria Madalena fazia parte do grupo dos discípulos de Jesus, seguiu-o até à Cruz, e, no jardim em que se encontrava o sepulcro, foi a primeira testemunha da ressurreição: *testis divinae misericordiae*, como a definiu Gregório Magno. O Evangelho de João descreve-a a chorar, por não ter encontrado o corpo do Senhor no sepulcro: “Jesus – recordou

mons. Roche – teve misericórdia dela, ao deixar-se reconhecer como Mestre, e ao transformar as suas lágrimas em alegria pascal”.

“Cristo – prosseguiu o arcebispo – revela uma especial consideração e misericórdia por esta mulher, que manifesta o seu amor para com Ele, procurando-o no jardim com angústia e sofrimento”, com o que Santo Anselmo definiu como “lágrimas da humildade”. São Tomás disse que ela era a “apóstola dos apóstolos”, pois anunciou aos discípulos, atemorizados e trancados no cenáculo, o que eles, por sua vez, tinham de anunciar a todo o mundo.

“Por isso, é justo – concluiu Roche – que a celebração litúrgica desta mulher tenha a mesma categoria de festa, outorgada às celebrações dos apóstolos, no Calendário Romano Geral, e que seja posta em relevo a especial missão desta mulher, que é um exemplo e modelo para todas as mulheres na Igreja”.

O cardeal Gianfranco Ravasi escreve o seguinte: “A história da arte, numa tradição que perdura até aos nossos dias, repetidas vezes nos apresenta Maria Madalena como uma prostituta. Isto acontece apenas por, no evangelho de Lucas, na página que antecede a referência à Madalena (cap. 7), se narrar a história da conversão de uma anónima ‘pecadora conhecida naquela cidade’, aquela que havia untado, com óleo perfumado, os pés de Jesus, hospedado numa casa de um conhecido fariseu, molhando-os com suas lágrimas e secando-os com os seus cabelos. E assim se passou a identificar, sem nenhuma relação textual real, Maria Madalena com aquela prostituta sem nome. Pois bem, este mesmo gesto de veneração será repetido, para com Jesus, por outra Maria, a irmã de Marta e Lázaro, noutra ocasião (Jo 12, 1-8). E assim se consumou mais um equívoco, em relação a Maria de Magdala: algumas tradições populares identificam-na com esta Maria de Betânia, depois de ter sido confundida com a prostituta da Galileia”.

«É justo que a celebração litúrgica desta mulher tenha a mesma categoria de festa, outorgada às celebrações dos apóstolos, no Calendário Romano Geral, e que seja posta em relevo a especial missão desta mulher, que é um exemplo e modelo para todas as mulheres na Igreja».

Maria Madalena, a mulher que amou Jesus

(continuação da pág. 3)

misógino. Saramago mistura pormenores dos sinópticos com pormenores do Evangelho de Madalena e recria, com sua fértil imaginação, outra Madalena. Ao contrário dos evangelhos, retrata a discípula amada, realmente, como meretriz, para mostrar como ela se redime justamente pelo sexo, pois quando se começa a relacionar com Jesus, o seu corpo fecha-se a todos os outros. Para Saramago, o sexo é um pecado como qualquer outro, ao contrário da Igreja Católica e do protestantismo em geral, que atribuem uma carga extra a este pecado.

Ao falar sobre a vida de Maria Madalena, fala de uma “antiodisseia da discípula amada”. Em que sentido?

– No sentido de que tiveram de passar quase dois milénios para que a Igreja Católica começasse a repensar o papel desta mulher. O estigma da prostituta foi amalgamado nesses vinte séculos de tradição cristã. Somente no Concílio Vaticano II (1969), a Igreja Romana reafirmou não existir relação entre Madalena e a mulher quase apedrejada por adultério. Talvez, tudo isso tenha acontecido por nunca ter interessado à Igreja nascente uma figura de mulher importante, dentro da sua hierarquia. Veja o absurdo: o homem já chegou à lua, e a Igreja Católica e muitas igrejas protestantes ainda negam o sacerdócio às mulheres. É neste sentido que falo de uma antiodisseia, uma má vontade em, realmente, resgatar o seu papel fundamental, como testemunham os evangelhos.

Um dos momentos mais marcantes da experiência mística de Maria Madalena, foi ter sido a primeira pessoa – e mulher – a ver Jesus ressuscitado? A seu ver, qual o significado desse relato?

– Não se trata duma coisa de somenos importância. Madalena e as outras mulheres estavam junto à cruz, enquanto os discípulos, amedrontados, se tinham escondido. Elas foram ungar o corpo de Jesus, e foi a Madalena que ele apareceu. Jesus consolou Madalena: “Mulher, por que choras?”. Madalena reconhece, sem hesitar, a voz de Jesus e chama-lhe Raboni, “mestre” em hebraico. Diante de tal manifestação de carinho e reverência, é estranho o silêncio dos evangelistas ao narrarem o episódio da cruz, em que Jesus nada diz a Madalena. Ou talvez, ali, o silêncio fale mais do que quaisquer palavras.

Entre as definições que utiliza, para abordar Maria Madalena, estão estas: “a mulher que tentou seduzir Deus” e “a mulher que amou o amor”. Qual o significado destas imagens?

– A primeira citação diz respeito ao conto de Marguerite Yourcenar – **Maria Madalena ou a Salvação** –, na qual Madalena tenta seduzir Jesus, para que não morra, para que não corra em direção ao túmulo. São, portanto, as minhas palavras a sobrepor-se ao conto da escritora belga-francesa. A segunda expressão refere-se ao conto do magnífico escritor e monge beneditino Júlio de Queiroz, intitulado **Amor ao Amor**. Nesse conto, Madalena ama, no sentido de deixar tudo e seguir o mestre que a chama, apenas, com um olhar. Para mim e para Júlio de Queiroz, Maria Madalena foi aquela que amou Jesus, amou o olhar do Mestre, deixou-se seduzir pelo olhar de um Galileu que mudou a história do ocidente. Não há aqui nenhuma inferência sexual.

Em sua opinião, de que forma é que a literatura colabora no aperfeiçoamento da percepção sobre Deus ou o Mistério? Que vínculos pensa que existem entre literatura e mística?

– Paulo já define a fé como “o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que não se veem”. A fé é um verdadeiro e maravilhoso escândalo para a razão, é um salto no abismo. É o mistério dos mistérios. É então que entra a mística, a mediar esse abismo entre fé e razão. E a literatura, a reproduzir a experiência dessa mediação. Cito, aqui o grande poeta amazonense Max Carpentier: “Pois bem, meus senhores, há apenas uma diferença entre o profeta e o poeta. O profeta faz descer a Beleza dos céus à terra, e o poeta faz a Beleza subir da terra aos céus. E ninguém sabe

qual dos feitos é mais glorioso: se fazer descer à terra uma estrela, se fazer subir ao céu uma rosa. Sei, porém, que o sério verso arrancado ao sofrimento, é uma forma exponencial de oração, e a página branca que recolhe o verso, é da mesma substância da pedra dos altares, e que o estado de graça dos poetas dá tanta glória a Deus como o êxtase dos santos. Tendes visto que, desde os primeiros tempos, a Fé se socorreu da Poesia para instituir os pássaros que acordam as nossas dores brancas, as nossas dores cinza, dentro do silêncio, tão difícil e tão necessário, do Senhor dos Mundos. Assim, muitos espíritos sentem que a Poesia é um ato litúrgico perfeito, o eficaz rosário, o instantâneo caminho de Damasco dos místicos mais belos, e daqueles que, não **sendo místicos, combatem pelo amor**”.

Em sua opinião, qual a natureza específica da linguagem mística em geral, muitas vezes marcada por afirmações (ou narrações) ousadas, radicais? Que modalidades discursivas, literárias, semânticas caracterizam a simbologia mística?

– Tenho que citar, de novo, Max Carphentier: “Sabeis que no início foi o Verbo, e o Verbo continha todos os princípios e todas as imagens. Daí a realidade e o mistério, a essência e a aparência, o tangível e o intangível, o que foi e o que será, o possível e o impossível, estarem contidos no Verbo, na palavra, matéria prima de tudo e alma da Poesia. (...) A poesia, alimentada pela fé e pela dor, pode, até hoje, considerar-se a maneira mais intensa e mais fiel de colocar a natureza humana face a face com a Divindade”.

Deseja acrescentar mais alguma coisa?

– Sim. Não entendo o erro de se atribuir o qualificativo de prostituta a Madalena, e a obstinação em estigmatizar esta brilhante mulher. Efetivamente, ela nunca foi meretriz; aliás, parece ter sido uma mulher de muitas posses.

Na biografia de Jesus, há duas mulheres com biografias, digamos, um pouco heterodoxas: Raabe e Tamar. A prostituta Raabe, por esconder os espias, foi salva por Josué durante a conquista de Jericó. Habitou entre os israelitas e casou-se com Salmon. Ela gerou a Boaz, que foi bisavô de David, pertencendo, assim, à linhagem de Jesus.

Por sua vez, Tamar, a viúva negra do Antigo Testamento, teve dois maridos, e nenhum deles (Er e Onã) lhe deu filhos. O seu sogro Judá, de enganador – vendeu o seu irmão José e enganou o seu pai Jacó –, passa agora a enganado. Ele não quer dar um terceiro filho a Tamar, com medo de que também ele morra. Tenta enganar de novo a sua nora, que se mostra muito mais astuta do que ele. Disfarça-se de prostituta e coabita com o seu sogro Judá, pedindo como garantia o seu cajado e o seu anel. Ao saber que a nora estava grávida, e que havia cometido adultério, Judá ordena que ela seja apedrejada e depois queimada. Tamar aplica um xeque-mate ao Patriarca, ao mostrar-lhe os pertences do pai de seu filho. Judá afirma: “Ela é mais justa do que eu”. Tamar torna-se, então, mãe dos gêmeos Perez e Zerá, e a linhagem de Perez irá até ao rei David. E é da linhagem de David que Jesus virá.

O que quero dizer com isto é que, da linhagem de Jesus, fez parte uma mulher efetivamente prostituta, Raabe, e outra que se fez passar por tal, Tamar. E nenhuma delas sofreu a discriminação que Madalena, que não era meretriz, sofreu. Mistérios.

SALMA FERRAZ. Investigadora brasileira em estudos comparados entre Teologia e Literatura.
http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4280&secao=385

NÃO SEI COMO AMAR-TE. CARTAS DE AMOR DE MARIA MADALENA A JESUS DE NAZARÉ. Livro de Pedro Miguel Lamet



O escritor e jornalista **Pedro Miguel Lamet** apresentou, nesta segunda-feira, 23 de maio, na Sala de Conferências da ICADE, a sua nova novela **NO SÉ CÓMO AMARTE**, da *Editora Mensajero*.

A reportagem é de Jesús Bastante e é publicada por *Religión Digital*, 21-05-2016.

Um livro que aborda **as relações entre Jesus de Nazaré e Maria Madalena**. Depois da crucificação e morte de Jesus, a sua discípula entrega a Maria, a mãe do Mestre, vinte e três cartas que nunca se atreveu a entregar em vida. Elas contêm, em tom intimista e apaixonado, o relato biográfico da sua vida, e uma visão feminina dos acontecimentos evangélicos.

As editoras *Mensajero* e *Entre Paréntesis* apresentaram o livro nesta segunda-feira, 23 de maio, na Sala de Conferências da ICADE (Pontifícia Universidade Comillas).

Intervieram María José Arana, teóloga e professora emérita da Faculdade de Teologia do Norte da Espanha, Carmen Guaita, pedagoga e romancista, María Ángeles López Romero, escritora e redatora-chefe da Revista 21 e o autor do livro.

Nascida em Madgala e filha de um rico comerciante, que maltratava a sua mãe, vê-se obrigada, ainda adolescente, a fugir e a passar por situações difíceis e arriscadas: vendida como escrava, favorita do rei dos Nabateus, famosa bailarina em Tiberíades, é amada por um centurião romano, explorada por uma quadrilha de beduínos no deserto, e amiga de um sábio grego e de um médico judeu... Fascinada por Jesus, que a cura das suas enfermidades, **converte-se na sua mais fiel seguidora, até à morte e ressurreição do Senhor**.

A novela pretende **retratar a psicologia de uma mulher em constante busca, livre e complexa**, diante da trágica experiência de um amor tão espiritualmente grande como humanamente impossível, que a supera e a sublima. “Procuo reconstruir, como o faria um pintor renascentista – acrescenta Lamet –, o retrato de uma mulher inteligente, insatisfeita e buscadora, embora maltratada pela vida, que descobre um amor tão grande, que se, por um lado, lhe explica o sentido da vida, se converte, ao mesmo tempo, em tragédia, pelo drama de Jesus e pelas exigências da sua missão”.

O autor jesuíta reconhece que **se move entre duas águas**: a imagem tradicional da “pecadora”, e aquela que sustentam alguns biblistas atuais, para os quais os famosos “sete demónios” eram simples doenças físicas ou depressões. “Ser mulher naquele ambiente judaico equivalia a ser nada”. Ele acredita que, segundo os Evangelhos, Maria era, juntamente com João o discípulo amado, a mulher mais querida e privilegiada por Jesus, pois, de outra forma, não se explicaria que a tenha escolhido para a sua primeira aparição, e para anunciar a ressurreição aos discípulos varões.

Com esta nova obra, Pedro Miguel Lamet pretende apresentar uma visão transversal do amor. “Esta mulher, bela e sensível, ao lado de Jesus, vai aprendendo que todo o amor brota de um Amor total; que **não há diferença, mas continuidade entre o amor humano e o amor divino**, porque têm uma única fonte. E que todo o amor está dentro dela, embora não consiga obter todas as respostas que deseja, já que o amor que sente – esse único amor, é ao mesmo tempo humano e infinito – se estende à eternidade”.

Ao mesmo tempo, o escritor pretende, com as suas descobertas e respostas, oferecer uma via libertadora de ajuda, consolo e crescimento interior a quantos, a partir da solidão, da dor e da marginalização, se defrontam, hoje, com as investidas próprias de um mundo cruel e injusto.

<http://www.periodistadigital.com/religion/libros/2016/05/21/pedro-miguel-lamet-presenta-en-madrid-no-se-como-amarte-religion-iglesia-libros-magdalen.shtml>